



Claudio Magris

O europeu que não pode viver sem o mar

Ele é o viajante de Trieste que escreveu *Danúbio*, e assim descreveu a Europa Central com os seus escritores, filósofos, guerreiros, pessoas comuns, lugares e sensações. Em Lisboa no mês passado para receber o Prémio Europeu Helena Vaz da Silva e apresentar o livro que a Quetzal acaba de lançar – *Alfabetos* –, aproveitou os tempos livres para passear pela cidade, entrever um gato numa esquina, reencontrar amigos, olhar longamente o Tejo.

Esta é uma entrevista feita em tom de conversa, quase uma *flânerie*. Como quem não quer a coisa, irá aos temas queridos do escritor nascido em Trieste em abril de 1939 – um tempo de quase guerra – e que deseja que a Europa seja um «verdadeiro Estado». Iremos pelo mar – o Adriático, pois claro, e também o Atlântico de Lisboa – na companhia de Sandokan e de Ulisses, e também do maior amigo de Magris. Reconfortados pelos livros, pela leitura, pela escrita.

ENTREVISTA DE ANA SOUSA DIAS

“

«A História prova como é difícil, além de insensato e cruel, definir quem são os estrangeiros», escreveu em *Danúbio*. Não se poderia dizer que ser estrangeiro é uma realidade que está sempre a mudar?

Muitas vezes é-se estrangeiro para si mesmo. Mas os estrangeiros... Por exemplo, veja o caso concreto de Trieste. Quem eram os estrangeiros para nós? Trieste é uma cidade italiana que fez parte do Império Austro-Húngaro, com uma minoria eslovena, com muitas pessoas vindas de toda a Europa que se italianizaram. Quem eram os estrangeiros? Não eram os italianos, porque a grande maioria da cidade queria voltar à Itália, mas dizia-se «os italianos» para indicar os italianos, mesmo as pessoas que eram apaixonadamente italianas. E também não se pode dizer que os eslovenos eram estrangeiros, mesmo se a grande maioria era italiana. Isto é, quando se diz «os estrangeiros», em certos casos, pensa-se com fascínio, porque o estrangeiro é o novo.

É o outro?

Sim, *o outro*. Somos atraídos pelo *outro*, apaixonamo-nos por um *outro* e não por nós mesmos. Por vezes os estrangeiros são ameaçadores, ou entendidos como ameaçadores. Primeiro eram os italianos que tinham perseguido os eslovenos, para ficarmos no domínio da nacionalidade que não é o único domínio neste tema; depois eram os eslovenos, com o seu nacionalismo, que queriam conquistar a cidade.

Hoje, os estrangeiros são os novos emigrados que encontro todos os dias, conheço-os. Levei a minha casa dois ou três negros para lhes oferecer um almoço mas não tenho nenhuma ideia, na maioria dos casos, onde dormem, o que fazem. São estrangeiros e não são entendidos como ameaça nem estão completamente integrados, aceites.

Portanto, os estrangeiros... Há esta linha na *Bíblia*: «Sê benevolente com o estrangeiro pois tu próprio foste estrangeiro na terra do Egito.»

A única possibilidade de viver esse problema é sabermos que somos estrangeiros para os outros, somos estrangeiros para nós mesmos. Por vezes, gostaria muito de ter outros companheiros comigo em vez do meu eu, não direi detestável como dizia Pascal, mas em todo o caso nem sempre simpático. É esse o problema.

E a literatura é também uma verificação do encontro, da dificuldade do encontro, o perigo, o distanciamento, a aproximação, a descoberta de que os estrangeiros nos são mais próximos que os outros, a descoberta dos que se mantêm estrangeiros apesar de tudo. Essa é uma viagem, independentemente de cada visão política ou religiosa.

A Europa é um território que foi cruzado por tanta gente que não se pode dizer que alguém é unicamente europeu. Não somos todos europeus e todos estrangeiros?

Na origem, evidentemente. Há uma certa duração de relações e de nexos. É mais fácil, apesar de todas as dificuldades, viver-

Por vezes, gostaria muito de ter outros companheiros comigo em vez do meu eu. E a literatura é também uma verificação do encontro, da dificuldade do encontro, o perigo, o distanciamento, a aproximação, a descoberta de que os estrangeiros nos são mais próximos que os outros, a descoberta dos que se mantêm estrangeiros apesar de tudo. Essa é uma viagem, independentemente de cada visão política ou religiosa.



mos e reconhecerno-nos dentro de uma certa comunidade que se habituou a viver ao longo de séculos, com todos os ódios, as dificuldades, os rancores, as misérias humanas. Mas quando alguém chega de novo é mais difícil.

Há também dificuldades objetivas. Por exemplo, um amigo meu, médico, devia operar uma criança que precisava da cirurgia porque morreria sem ela, mas os pais opunham-se porque eram testemunhas de jeová e não aceitavam transfusões de sangue. Era um problema dramático. O que é que ele devia fazer? Respeitar a posição da religião, a visão do mundo dos outros, e deixar morrer a criança? Ou salvar a criança? Foi o que ele fez, mas não sem um sentimento de inquietação.

Foi dramático porque era preciso escolher, não era possível descartar, ignorar o problema. Era uma cultura entendida como estrangeira, no seu sentido mais profundo, qualquer coisa que vai contra as convicções – o dever de um médico que deve salvar a criança.

Felizmente, nem todos os casos são tão dramáticos, mas há problemas como este. E há sobretudo o sentimento de que os outros não são sempre os outros mas, em primeiro lugar, que eu sou *outro*, estrangeiro, estranho, inaceitável, por vezes sim-

pático, por vezes desagradável, tal como os outros. Essa é uma premissa necessária. Aceitar não é apenas uma questão individual, é também uma questão social, política. Aceitar discutir mesmo que sem cedências em certos pontos. Porque se uma cultura recusa às mulheres o direito de voto, é preciso discutir e, na minha opinião, é preciso recusar essa recusa. E isso é um problema.

Defende «um verdadeiro Estado europeu», defendeu-o aliás quando discursou na entrega do Prémio Europeu Maria Helena Vaz da Silva...

... sim, um verdadeiro Estado, como o Estado italiano, ou o francês, ou o português.

Acha mesmo que é possível criá-lo? Não é uma utopia?

Uma utopia não é necessariamente uma coisa abstrata, ingénua. Para mim, a utopia é uma necessidade muito realista. É como o caçador que para matar a lebre tem de apontar para dois metros à frente, porque só se nos projetarmos para diante podemos atingir os objetivos.

Creio na necessidade de uma utopia razoável, irónica. Não podemos limitar-nos a obedecer à chamada «realidade». Porque o que nós consideramos realidade, todos nós, é a realidade mais recente, a última, imutável. Do ponto de vista psicológico, somos todos conservadores cegos. Não acreditamos realmente que o mundo, tal como estamos habituados a vivê-lo, possa mudar.

Mas a História não está sempre a provar-nos o contrário?

Sim, constantemente. Dou-lhe um exemplo concreto. No início de novembro de 1989 eu estava em Blois, em França, num encontro organizado por Jack Lang, que era o ministro francês da Cultura, com políticos e homens da cultura da Europa de Leste. Os grandes protestos de Berlim-Leste já tinham começado e estava presente um encenador muito envolvido nessas manifestações que falou do que se estava a passar. Ele estava muito emocionado, receava todas as hipóteses, e disse: «Tudo é possível, mesmo uma repressão sangrenta. Infelizmente, uma coisa é certa: o Muro vai durar ainda muitos anos.» E dois ou três dias depois tinha caído. Ele era um dos que tinham contribuído para derrubá-lo. Eu próprio não podia acreditar, estava habituado, é como não poder imaginar que apareça aqui o rio Tejo, que vi do outro lado da cidade há uma hora.

Creio que a Europa está em grandes dificuldades, que um Estado europeu é um objetivo muito longínquo, mas creio que é preciso começar a dar pequenos passos concretos que possam conduzir lentamente, sem choques para não provocar reações negativas, a transferir certos aspetos da soberania dos Estados para um Estado europeu.

Com toda a burocracia que caracteriza a Europa de hoje?

Infelizmente temos a impressão de que a União Europeia está paralisada pela burocracia, por um discurso sobre o discurso,

como se o pescador preparasse muito bem as redes, e fizesse redes muito perfeitas, e fizesse conferências sobre as cordas, e o peixe ficasse no mar e não chegasse à mesa. É um enorme erro porque obedece ao espírito conservador de cada país, de cada categoria, de cada departamento, de cada organização que quer defender pequenas posições que são obstáculos, claro.

A minha região, a Friuli Venezia Giulia, tem uma representação permanente, com um escritório, em Bruxelas. Fiquei chocado quando soube, porque isso custa imenso dinheiro. Claro que de vez em quando há problemas que dizem respeito às relações entre a Europa e Trieste, mas basta enviar um representante para falar com toda a comissão durante duas semanas. Chamamos a isso em Itália «elefantíase». Como se a rede fosse o objetivo e não o meio.

Escreveu que a literatura é «o único território onde podemos procurar a nossa identidade quando ela nos escapou». Começou a ler com Emilio Salgari...

... Salgari, que no dialeto de Verona, onde ele nasceu, significa «salgueiro»...

... e continuou sempre a ler imenso, aos 14 anos leu Tolstói. A literatura é o território a que pertence?

Gosto imenso da literatura, isso é evidente. Como dizia Mark Twain, um grande escritor, «*truth is stranger than fiction*», a realidade é muito mais bizarra do que a ficção. A literatura tem um significado mas só se mantiver uma independência total, uma irresponsabilidade total. Um escritor não é um pai de família que tem de ser responsável, é uma pessoa que faz o que quer. A literatura tem um significado se nos ajuda a compreender o que são o amor, a vida, a morte, o mar. Não é um fim em si.

[PARA QUÊ POETAS EM TEMPO DE INDIGÊNCIA?]

Levantar a gola do casaco,
esconder os punhos da camisa já puidos
e defender, com os dentes cerrados, as palavras:
mas quem aguenta mais este murmúrio vão,
que não colhe mais as flores do mal nem a luz
radiosa na própria miséria?
Resistir, como sempre fizeram os humilhados.
Decorar palavras antigas.
Repeti-las, para que não sejam esquecidas,
aos vindouros.

LUÍS FILIPE CASTRO MENDES

[inédito, a publicar em *A Misericórdia dos Mercados*, edição Assírio & Alvim programada para fevereiro de 2014.]

Não é necessariamente um compromisso, mas sim o sentimento do enorme mistério da criatividade da vida.

Perante certas coisas que acontecem, certos sofrimentos, certas felicidades que são mais raras, mesmo a maior literatura é qualquer coisa de elementar. E isso para evitar a condescendência da literatura. Um grande poeta polaco, [*Czesław*] Miłosz disse que os poetas muitas vezes têm um coração frio, isto é, se escrevem um poema pela morte de uma criança corre-se o risco de eles darem mais atenção à harmonia das sílabas e dos versos do que ao sofrimento da criança. Para mim, a literatura é contar uma coisa.

Coloquei esta questão porque tenho a sensação de que nunca escreve sobre a música, as artes plásticas. Por isso perguntei se a literatura é o seu território.

É o meu território, sim. Evidentemente não penso que a literatura seja mais importante do que a música ou as belas-artes.

É uma questão de pertença?

É uma questão de pertença, sim. Isto é, eu oiço música e talvez a emoção que ela me dá seja mais profunda do que a da literatura, mas eu não tenho a capacidade de falar dela, de analisá-la. A literatura é o domínio onde a fantasia, a irracionalidade, a escrita noturna, o caos podem, no meu caso, encontrar-se com

a racionalidade necessária, a razão, a língua, uma certa ordem que devemos dar mesmo à desordem e ao caos. E eu não sou capaz de fazer isso com outras artes, tal como escrevo em italiano e não em português e não penso que o italiano seja melhor do que o português, mas a língua italiana é o meu instrumento e infelizmente a língua portuguesa não.

Não é bem a mesma coisa, porque apesar de tudo pode traduzir-se um texto e noutras artes não há essa transposição.

Sim, de uma forma indireta, claro. Mas tenho a certeza de que sem certos azuis do oceano de Gauguin eu não teria criado certas coisas. Mas é-me mais difícil falar diretamente desse oceano azul.

O mar parece-me muito importante na sua escrita, por isso imagino que para si é muito importante.

Sim, é verdade.

Tem o seu mar, que é o Adriático de Trieste, e quando fala de Lisboa fala do mar, diz que aqui fica a fronteira. Para si, o que é o mar? Desculpe, parece uma pergunta de algibeira.

Não, é uma questão fundamental para mim. Em primeiro lugar, Trieste é uma pequena cidade e portanto a relação com o mar é muito fácil, muito próxima. Para ir ao mar, se viver em Génova, que é uma cidade magnífica e tem um mar lindo, preciso de fazer não digo uma viagem mas... Em Trieste, se eu tiver meia hora no meio da minha vida infernal de trabalho, vou ao mar. Porque em 10 minutos estou no mar, livre, atiro-me ao mar. Esta relação é realmente imediata, não é uma decisão – «agora vou ao mar». Não, o mar está ali.

A minha mãe gostava muito do mar e levava-me até lá quando eu era muito pequeno. As minhas primeiras recordações são de caminhar à beira-mar com os meus amigos conversando sobre os primeiros encantamentos amorosos. Nós, enquanto espécie humana, vimos do mar, aprendemos a nadar antes de andar, nas águas da mãe onde somos feitos. Somos feitos de água em 70 por cento.

O mar é interessante porque é essencialmente duas coisas. Há o mar como grande prova, o mar de Conrad, de Stevenson, o mar da tempestade, o mar dos grandes capitães de Conrad como símbolos da luta e da lealdade. Como grande amante da literatura de aventuras isso significa muito.

Mas para mim o mar é outra coisa. É o mar da posição horizontal, não da luta para dominá-lo, mas ao contrário, para se abandonar. É o mar da felicidade. É por isso que o mar está indissoluvelmente ligado ao amor, a Eros. Para mim, era inconcebível o amor sem o mar. O mar está também na história da minha vida das paisagens do amor, isto é, desse grande abandono nos braços da vida. Sem luta. Nado muito mas isso não tem nada a ver com o desporto, não, é realmente abandonar-se em grandes braços amorosos.

Como quando lê um livro que lhe agrada? Também se abandona?

[FECHOU A ESCOLA EM GRIJÓ]

Ao Frederico Amaral Neves

Dantes ouviam-se as crianças a caminho da escola e eram como pássaros de som nas manhãs de Grijó. Não eram muitas, mas as vozes joviais davam sinais de que a aldeia resistia, continha à distância o deserto que a ronda como a alcateia ronda uma rês tresmalhada.

II

Agora as crianças, todas as manhãs, são acondicionadas como mercadorias numa viatura com vocação de furgoneta. Lembram judeus amontoados em vagões jota a caminho de algures. Vão aprender em terra estranha o que os seus pais e os pais dos seus pais aprenderam em Grijó.

A.M. PIRES CABRAL

[*Gaveta do Fundo*, edição Tinta-da-china, novembro de 2013]

“

Para mim, a utopia é uma necessidade muito realista. Creio na necessidade de uma utopia razoável, irônica. Não podemos limitar-nos a obedecer à chamada «realidade». Porque o que nós consideramos realidade, todos nós, é a realidade mais recente, a última, imutável. Do ponto de vista psicológico, somos todos conservadores cegos. Não acreditamos realmente que o mundo, tal como estamos habituados a vivê-lo, possa mudar.



Sim, abandono-me. Claro que fui toda a vida professor de Literatura, há uma relação profissional, uma certa capacidade de analisar, de ver os passos em falso. Mas quando o livro é realmente uma experiência, então é como o baile de Natacha, é o abandono. Isso não tem nada contra a capacidade profissional de julgar, como um músico que toca, e claro que tem a técnica, mas a música não é destruída. O abandono à música, o encantamento de Schubert ou de Mahler não se opõem à técnica necessária para compor e interpretar a música.

Quando escreve, também se abandona ou tem muitas regras?

São momentos diferentes. Há talvez três momentos na minha escrita. Por vezes é como uma intuição, uma sugestão que pode ser uma notícia lida no jornal ou uma pequena história portuguesa, ou um rosto, um episódio, qualquer coisa. Então começo a pensar, a deambular sem direção com isso.

Se o tema começa a tomar forma, então agarro-o e talvez comece a trabalhar, depende do tema. A história de *Às cegas*, que exige muito conhecimento e muitos dados, ou o *Danúbio*, que precisa de muita investigação, fazem-me pensar.

Se a ideia, o projeto não morre nesse momento inicial, é como numa relação sentimental, começamos a ver a pessoa,

telefonamos um ao outro, encontramos-nos, bebemos um café, por vezes isso continua, outras vezes não. Se a ideia, o projeto, me agarram, pelo menos do ponto de vista subjetivo, então há uma fase selvagem em que escrevo sem atenção especial ao estilo, na qual não sou realmente mestre do que escrevo, é como...

... é torrencial?

É torrencial, é isso. É aí que um livro nasce ou não, não é uma decisão. Se sinto que o livro nasceu, espero, espero sempre, e depois começo um controlo, uma correção muito pedante, muito penosa, muito professoral, muito aborrecida, muito fria. Mas o momento decisivo é antes.

Li que quando escreveu *Às cegas* ensaiou diferentes caminhos.

Há sempre várias vozes. Entretanto, fiz outras coisas, já passaram 18 anos a escrever, escrever, escrever, destruir. Tinha começado a escrever essa história como um romance linear e não funcionava. Porque num romance, numa narração, o sujeito deve ser idêntico ao estilo do romance. Não se pode contar com calma uma história que é completamente quebrada, estilhaçada, esmagada, transtornada. A perturbação, a desordem, o caos devem estar desde logo na linguagem. De outro modo é uma conferência tranquila sobre uma demência, não é a história de uma loucura.

O romance contemporâneo é assim?

Creio que sim. Não há receitas, e não vou dizer que não é possível fazer romances... Estamos ainda num ponto em que o mundo à nossa volta é tão perturbado, perdemos de tal forma o fio condutor que mantém o mundo agregado numa unidade, que é preciso procurá-lo, mas procurá-lo atirando-nos para o vórtice. Ou então é uma coisa diferente. Mas nesse mergulho uma pessoa pode afogar-se.

Tem uma disciplina enorme para escrever há tantos anos para o *Corriere della Sera*. O livro *Alfabetos* inclui textos escritos para o jornal nos últimos 10 anos.

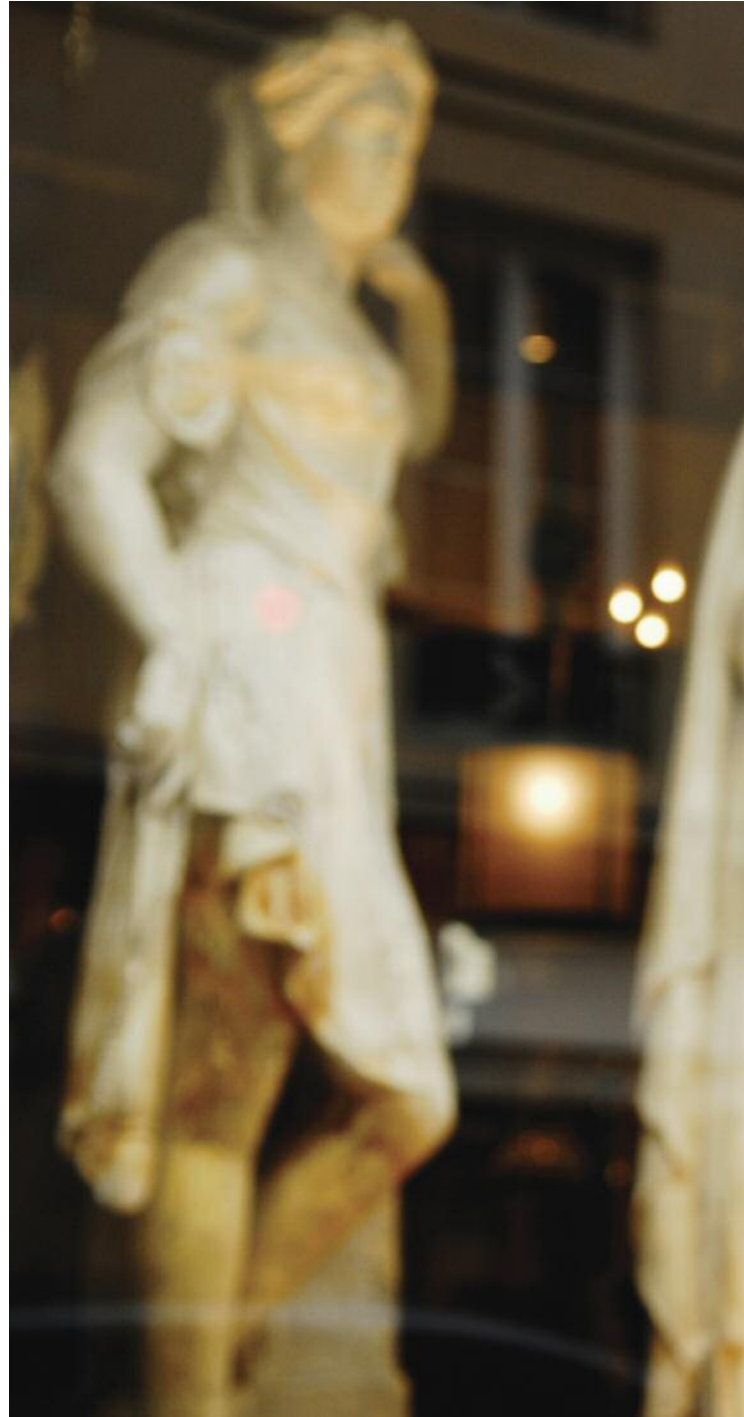
Nem todos, há textos mais longos que não são do *Corriere*, mas a maior parte sim.

É uma escrita muito diferente, com um objetivo específico?

Aí é uma escrita, entre tantas outras, selvagem de uma forma diferente. A grande diferença é que quando escrevo sobre escritores, sobre um tema, a escrita é ambígua. Quando escrevo intervenções ético-políticas, que não estão incluídas neste livro mas estão por exemplo noutra diferente. *A História Não Acabou*, aí são como furores, por vezes escrevo em 20 minutos e envio-o logo. Surgem quando tenho o sentimento súbito de dever defender qualquer coisa, protestar, denunciar. Aí a escrita é muito diferente, premente, é como um ataque, um desafio de boxe. Não há táticas. É um pouco a linguagem do Evangelho – sim, sim ou não, não – diante de uma injustiça. Quando conto a história de uma vida, onde os valores nos quais continuo a acreditar se misturam na história de uma pessoa – mesmo um assassino, é preciso compreendê-lo, não para o justificar, por-

“

O mar é interessante porque é essencialmente duas coisas. Há o mar como grande prova, o mar de Conrad, de Stevenson, o mar da tempestade, o mar dos grandes capitães de Conrad como símbolos da luta e da lealdade. Como grande amante da literatura de aventuras isso significa muito. Mas para mim o mar é outra coisa. É o mar da posição horizontal, não da luta para dominá-lo, mas ao contrário, para se abandonar. É o mar da felicidade. É por isso que o mar está indissoluvelmente ligado ao amor, a Eros. Para mim, era inconcebível o amor sem o mar. O mar está também na história da minha vida das paisagens do amor, isto é, desse grande abandono nos braços da vida. Sem luta. Nado muito mas isso não tem nada a ver com o desporto, não, é realmente abandonar-se em grandes braços amorosos.





©Ulff Andersen / Getty Images

que um assassínio é um assassínio ao qual é preciso dizer «não, mas se está envolvido na história de uma vida –, aí a escrita é instintivamente diferente, há imensa tática, porque cada afirmação é corrigida, mudada por coisas que se acrescentam, etc.

Há artigos no *Corriere della Sera*, sobretudo narrativas de viagens ou ensaios literários, que são assim, mas há intervenções políticas que são realmente um combate, um combate bom.

Falou de viagens. Li declarações que fez sobre esse tema, sobre a flânerie. Para si, a viagem é sobretudo uma deambulação?

Sim. Vir de Trieste a Lisboa para apresentar um livro não é uma viagem, é cumprir um objetivo. Viagem pode ser um passeio, vemos um gato que nos faz mudar de direção, é uma deambulação. Pode descobrir-se alguma coisa inesperada e aí começa a verdadeira viagem que pode ser divertida, inquietante, pode ter-se a impressão de que se compreende as coisas, ou de não as compreender, o sentimento de estar próximo ou longe, estar apaixonado, ou de ter o coração árido, culpado. A *viagem* é isso, e é completamente diferente de uma *deslocação*.

Danúbio é uma viagem, então?

Absolutamente.

É uma total flânerie e no entanto tem um objetivo.

É uma *flânerie* total, não só porque não fiz só uma viagem desde a nascente que não existe, foram idas e voltas, para trás e para a frente...

... durante quanto tempo?

Quatro anos. A primeira ideia, como quase todas as ideias, foi da Marisa, a minha mulher, que morreu há 17 anos. Na fronteira com a Eslováquia, num dia magnífico de setembro em que estávamos a fazer uma viagem com amigos à Eslováquia, via-se o Danúbio a brilhar, não se conseguia distinguir o Danúbio do prado, tínhamos a sensação de estar em harmonia com o fluir da vida e do rio. E de repente uma seta: «Museu do Danúbio». E naquele momento «museu» era tão estranho... Era como se dois amantes num banco público descobrissem que faziam parte de uma exposição sobre o amor nos bancos públicos. É o Danúbio porque a seta o diz? Então a Marisa disse: «E se nós deambulássemos até ao mar Negro?» Foi essa a ideia. A viagem começou aí e eu não tinha nenhuma ideia sobre que livro estava a fazer.

Mas ia tomando notas, porque o livro tem muita informação concreta.

Sim, mas no início não sabia se ia escrever um livro de reportagens de viagens, e fiz muitas enquanto jornalista, ou um verdadeiro romance, ou, como é o caso, um romance submerso, onde o *eu* não é idêntico a mim, dou-lhe muitas das minhas manias, das minhas fraquezas.

Mas também lá está?

Ele morre no fim e eu ainda aqui estou... Sim, sou eu mas não o *eu* direto dos artigos que escrevo para protestar contra isto ou aquilo. Não, é um *eu* que é uma espécie de roupeiro onde quase todas as roupas penduradas são minhas.

Isso acontece-me sempre: só depois de ter escrito um terço de um texto sei realmente que texto estou a escrever, qual é o verdadeiro tema, que não é idêntico ao título. Por vezes estamos fascinados por uma árvore mas não escrevemos um artigo de botânica.

Escreveu *Danúbio* antes da queda do Muro de Berlim. Se fizesse agora essa viagem, esse livro seria muito diferente? A paisagem é a mesma, as pessoas também...

Danúbio não é uma reportagem. Se fosse uma reportagem, claro, a situação mudou completamente. Uma reportagem sobre um país governado pela direita não é a mesma coisa que um país governado pela esquerda anos mais tarde. Não quero colocar-me essa questão. É um pouco como dizer sobre um poema de amor sobre uma pessoa amada escrito há 290 anos: «Escrevê-lo-ia agora?»

Seria um outro poema mas não posso responder como, a relação também já é diferente. Se fosse a descrição da pessoa, os cabelos ficaram brancos ou grisalhos... mas não é isso. Não se pode responder, porque cada livro tem o seu momento em que tem a sua verdade e a sua necessidade e a sua justificação, que não é a justificação literária.

Falemos do ponto de vista da compreensão desses países danubianos que atravessei, que também não são o *Danúbio* enquanto livro, enquanto narrativa, porque aí o Danúbio é a

[12]

III

Riscado há muito,
estou longe desse dia de sorte
para principiantes. Gastei
quase todas as vidas,
é esta a última.

Perdi sempre casacos
vários
no mesmo cabide
e qualquer benefício dos iniciados.

Como refrões repito números desfocados
em medalhas de plástico colorido
e velhas lições de autodefesa,

impossíveis de aplicar na minha rua,
talvez te sirvam pela manhã.

MARGARIDA FERRA

[*Sorte de Principiante*. Edição & etc, novembro de 2013.]

“

Creio que a Europa está em grandes dificuldades, que um Estado europeu é um objetivo muito longínquo, mas creio que é preciso começar a dar pequenos passos concretos que possam conduzir lentamente, sem choques para não provocar reações negativas, a transferir certos aspetos da soberania dos Estados para um Estado europeu. Temos a impressão de que a União Europeia está paralisada pela burocracia.

Babel contemporânea com todas as hipóteses e todas as ameaças. Mas no que diz respeito àquele mundo, creio que tive sorte por viajar nesses países num tempo em que, à exceção da Roménia, havia uma certa tranquilidade, o que me permitiu ver muitas coisas aparentemente pouco importantes. Se tivesse feito a viagem em 1989, teria, evidentemente, visto apenas as coisas fundamentais, a queda, a revolução. Se houver um incêndio, vemos apenas o incêndio, não reparamos nos pormenores, no estilo.

Isso deu-me a possibilidade de vaguear, de me afastar da estrada principal, descer aos estratos do tempo, isto é, conhecer, encontrar certos aspetos profundos da realidade danubiana que podem ajudar-nos a compreender também a transformação que se passou depois. Se não fosse assim, teria escrito outra coisa. Não se pode vaguear quando há uma revolução. O livro seria outra coisa, seria outra história.

Atravessar Lisboa durante o Terramoto ou agora são coisas completamente diferentes.

Comprou *Os Lusíadas* quando tinha 14 anos?

Em italiano, claro.

Era ao mesmo tempo um livro de aventuras, de viagem, de mar, de mitologia?

Tudo isso e também um livro de expectativas. As mitologias são muito importantes, mas sobretudo para mim era a abertura pelo mar sobre horizontes desconhecidos. Era um pouco desaparecer no mar. O espírito de todos os homens desaparecidos...

Foi o primeiro contacto que teve com Portugal e as coisas portuguesas?

Sim, um contacto muito superficial, tinha 14 anos. Mas havia personagens de livros de aventuras...

... em Salgari, por exemplo...

... sim, o português Eanes, o herói número dois de *Sandokan*...

De certa maneira, a sensação que tenho deste país é de uma varanda sobre o oceano, sobre o vazio, sobre uma abertura. Mas quando li *Os Lusíadas* para mim era uma ficção, nada mais.

Para si o que representa Portugal hoje? Sei que leu a *História Trágico-Marítima* e Fernando Pessoa, conheceu José Saramago.

Portugal é uma Europa muito diferente de Trieste, do Danúbio?

A primeira vez que vi Lisboa, há 30 anos, senti que era a primeira cidade europeia com um carácter que não é só europeu, com os traços do império, com aspetos políticos. Já tinha visto Londres, mas é outra coisa: em Londres senti que é uma cidade muito importante, o centro do mundo onde toda a gente vai parar. Mas Lisboa tinha qualquer coisa da variedade do mundo numa cidade ao mesmo tempo absolutamente europeia mas onde tinha a sensação de encontrar muitas coisas que não eram europeias no sentimento que eu tinha da minha Europa. Era esse o interesse, essa abertura, a experiência oceânica.

É a mistura, a mestiçagem?

Exatamente, porque é uma mestiçagem diferente da que tinha visto nos Estados Unidos, uma história bem conhecida. Aqui, é uma coisa de integração e de não-integração.

Conhece o Brasil?

Conheço muito superficialmente, fui lá duas vezes. Conheço muito bem alguns dos seus autores. Há lá muitos escritores e há sobretudo um que... ah, Guimarães Rosa... é qualquer coisa, é inacreditável. É a capacidade de inventar uma linguagem sem a tornar hermética, como se regressasse à fonte da linguagem.

Na minha opinião, só há um pequeno erro na sua obra-prima absoluta. No fim, a morte de Diadorim, e creio que ele não o faz por razões morais, para esconder, ele fá-lo pelo modelo dos romances de cavalaria. Ele tem três possibilidades de amor: a mulher dele, a mulher negra e Diadorim. E esta é uma história absolutamente pura e casta de um amor homossexual. Foi a única vez em que tive a impressão – não tenho nada contra, claro, não é essa a questão – que é uma coisa que podia, talvez, dizer-me respeito.

Eu tinha lido Proust, tinha lido muito, mas eram sempre coisas que não tinham nada a ver comigo. Mas ali apercebi-me de que nos apaixonamos por uma pessoa, não por um sexo. Ah!, o *Grande Sertão: Veredas* e também os outros como o *Corpo de Baile*... ainda não foi reconhecida a sua grandeza.

“

Leu Guimarães Rosa em italiano ou em português?

Li em italiano e depois tentei ler bastantes páginas com as duas versões abertas, porque não teria podido ler em português, seria muito difícil ler essa obra.

Pertence a duas línguas, o italiano e o alemão.

A minha pátria é a língua italiana, a minha cultura é mais alemã. Conheço a literatura alemã melhor do que a italiana porque a ensinei a vida toda. E mesmo na filosofia tenho muito marcado o pensamento alemão. Mas a minha sintaxe, isto é, a minha maneira de olhá-la, de a apreender, de a pôr em ordem está ligada absolutamente à língua italiana. Nunca poderia escrever um texto literário em alemão.

Mas um ensaio poderia?

Sim, já escrevi ensaios, artigos, críticas literárias em alemão. Escrevi muitas vezes para jornais alemães como o *Süddeutsche Zeitung*, por exemplo, sem nenhum problema. Mas as cores, os cheiros sinto-os em italiano.

Há escritores que escrevem na língua do país para onde foram viver.

O meu amigo Giorgio Pressburger, por exemplo que é húngaro e deixou a Hungria quando tinha 18 anos, em 1956, e que hoje se tornou um escritor italiano. E há os casos do Joseph Conrad e de outros. É um problema muito interessante. Mas para mim a língua da emoção e da ordem que se dá a essa emoção é o italiano. Por vezes começo a escrever com a sintaxe italiana com muitas palavras que são idealmente palavras alemãs. Para mim o azul é mais *blau* do que *blu*, mas como escrever não são só palavras mas sim frases, o meu rio é o italiano. Não sei se é um limite ou uma riqueza.

Conhece muito bem a literatura europeia, a literatura mundial, mas conhece os autores contemporâneos, os mais jovens?

Depende. Quando ensinava, estava atualizado, era a minha profissão e eu sou muito profissional e muito honesto. Mas agora leio aquilo que tenho vontade de ler. Por vezes são muito jovens, por vezes são muito antigos. Por exemplo, descobri por acaso [*Édouard*] Glissant, o escritor da Martinica, precipitei-me sobre a sua obra. Houve coisas de que gostei menos, mas é um grande escritor. Se lemos uma coisa não lemos outra, e tenho grandes lacunas. Mas tento acompanhar.

Pensei que poderia preferir apenas reler livros preferidos.

Também releio mas sou muito curioso e portanto leio muito. Porém, há o terrível problema do tempo. Trabalho muito. Por exemplo, para escrever o *Damíbio* documentei-me, pensava no livro 24 horas por dia. Recebo regularmente, imagine, quatro ou cinco manuscritos que me enviam.

E não tem tempo para ler, claro.

No entanto, respondo a todos, explicando porque não posso ler, e que o mesmo aconteceria se recebesse Dostoiévski. Mas esse é um enorme trabalho: as solicitações que temos e que somos obrigados a acompanhar.

Mas Lisboa tinha qualquer coisa da variedade do mundo numa cidade ao mesmo tempo absolutamente europeia mas onde tinha a sensação de encontrar muitas coisas que não eram europeias no sentimento que eu tinha da minha Europa. Era esse o interesse, essa abertura, a experiência oceânica. Exatamente, porque é uma mestiçagem diferente da que tinha visto nos Estados Unidos, uma história bem conhecida. Aqui, é uma coisa de integração e de não-integração.



Responde a todas as cartas que recebe?

Sim, sempre.

Tem alguém que o ajude a escrever as cartas?

Como não sei escrever à máquina, dito a uma pessoa algumas cartas que não são pessoais. Mas é um problema. Há muitos loucos e loucas e esse é um outro capítulo. Respondo a todos e é um trabalho cansativo e talvez seja falso porque ao responder, ao escrever o nome, talvez esteja a dar esperanças. Mas não sou capaz de dividir a humanidade entre pessoas a quem respondo e pessoas a quem não respondo.

Quando [*Elias*] Canetti ou [*Isaac Basbevis*] Singer me escreviam, eu respondia, claro. Não posso não responder a um senhor, mesmo que seja para lhe dizer que não posso ler o seu manuscrito. Mas não é possível recusar. É como se alguém me saúda, me diz «Boa-tarde». Não posso dizer «Boa-tarde» só a Saramago e não a esse senhor.

Creio que ele já morreu, mas havia um Tampellini que me escrevia de uma clínica psiquiátrica do Piemonte. Era completamente louco mas muito tranquilo e reagia a cada artigo, nunca a um livro. As cartas começavam sempre por «Senhor professor, no seu artigo publicado em... tratou um assunto muito

importante.» Nunca dizia se o tinha tratado bem ou mal. E escrevia 10 ou 20 páginas num italiano fantástico mas sobre o vazio, arcadas, bolas de sabão. Pensei que talvez fosse eu a única janela que ele tinha para o mundo.

Respondia-lhe sempre?

A cada três ou quatro cartas. Respondia-lhe com cartas muito banais: «Caro Tampellini, li com muito interesse», para lhe dar a sensação de ser alguém. E uma vez ele escreveu-me: «Devíamos publicar ao nosso epistolário.» Ter-me ia destruído, porque era um delírio, e depois havia o «Feliz Natal» e coisas assim...

Tem tempo para a sua vida pessoal?

Sim, por vezes é difícil, sobretudo numa cidade pequena como Trieste onde uma pessoa é demasiado bombardeada. Desse ponto de vista, seria muito melhor viver em Milão ou em Roma, uma cidade mais impessoal onde me seria mais fácil desaparecer.

Tem filhos?

Sim, tenho dois filhos, de 47 e 44 anos. Chamam-nos «o triunvirato» porque eu escrevo e eles também escrevem, noutros domínios. Temos uma relação muito intensa. Um vive em Trieste e fez o curso de Direito com uma tese sobre o pensamento político de Fernando Pessoa. Pessoa era contra Salazar porque ele era demasiado moderado, demasiado católico! O outro filho vive em Paris, é professor de Economia.

Está a escrever um novo livro?

Sim, estou a fazer pesquisa. Vou ter de renunciar às viagens porque são interrupções. Faço conferências e isso é um outro tipo de escrita.

Tem dificuldade em dizer «não», em recusar convites?

Por vezes é uma situação ambígua, porque me convidam para um sítio onde tenho um amigo, ou então a razão do convite é uma causa – uma organização de imigrados, por exemplo. Não posso ir a Lisboa receber um prémio e recusar outros convites. Mas sim, era preciso ser mais duro.

Dá muita importância à amizade, percebe-se nos seus livros.

A amizade desempenha um grande papel na minha vida. O meu maior amigo – somos amigos há 66 anos – está muito doente, tem um cancro e está muito mal. Vive em Trieste, é um grande advogado, um grande professor de Direito. Eu era bom aluno mas ele era um génio. Traduzia imediatamente Tucídides do grego. Quando fizemos o bacharelato, que era muito difícil naquela altura, estudámos muito mas também nos divertimos.

Fomos fazer um exame muito importante e levávamos dois retratos: ele do Garibaldi e eu de Mazzini. Escondemo-los debaixo dos bancos e fingíamos que olhávamos para lá, que copiávamos, até que o presidente da comissão se precipitou sobre mim, pensando que ia encontrar as traduções, e depa-rou com o retrato do Mazzini, lúgubre, triste, no cemitério de Staglieno. E eu disse-lhe: «Sei que é proibido, mas isto dá-me consolo.» E o meu amigo disse: «Sabe, senhor presidente, a força da personalidade dele ajuda a utilizar melhor os aoristos.»

Fala de quê quando está com esse amigo?

De tudo, e em dialeto de Trieste, naturalmente. De política, de filosofia, de disparates. Rimo-nos. Na escola aprendi uma coisa muito importante: a rir-me do que continuo a respeitar e considero mais importante do que eu. Ríamo-nos de assuntos, de matérias, de professores, mesmo sabendo que a matéria era boa e que o professor era muito mais inteligente do que nós. Ainda agora, nestes últimos dias da sua vida, somos capazes de rir. Um dia destes ele estava cheio de dores, porque o cancro está espalhado por todo o corpo e os ossos estão afetados, e eu ajudei a enfermeira a mudá-lo para a cama, para ele poder dormir. Agarrámo-lo e aquilo provocava-lhe imensas dores. Ele não me disse nada. Mas no fim disse-me: «Sabes, o profissionalismo começa no exercício. No início estavas muito dócil perante as sugestões da enfermeira, mas depois começaste a dar ordens como se fosses o maior cirurgião. Felizmente ficaste-te pelas palavras, porque estavas quase a deixar-me cair no chão.» Não é mau rir assim no limiar da vida.

No *Danúbio* cita uma frase: «Só quando podes voltar a rir perdoaste deveras.»

Isso é uma coisa que li na porta da Catedral de Linz.

Já esteve diante da morte, à beira de perder alguém que lhe é muito querido. Como é que se ultrapassa isso?

Não se ultrapassa. Existe um certo presente eterno. Dizemos que Shakespeare é um poeta, não dizemos que ele era um poeta. Continuamos a viver com as pessoas amadas, a afastar-nos, a aproximar-nos de novo, a apagar-nos, a fazer-lhes a corte, a convidá-las para jantar. Isso não é um excesso, é uma perda idêntica à mutilação completa de um braço. Se perco um braço, tenho o outro, a outra mão. Mas é uma história que não acabou. Desse ponto de vista, enquanto estamos vivos a história importante para nós é sobretudo o amor, e o amor partilhado. E continuamos a viver, e tentamos viver o melhor possível. Não tenho a menor vocação para a autotortura ou para o sacrifício.

Tem medo da sua morte, pensa nisso?

Penso nisso, sim. É muito difícil pensar nisso. Creio que não tenho medo, mas é muito fácil dizê-lo quando não estamos diretamente ameaçados. Confesso que o pensamento que me vem é sobretudo no que diz respeito aos meus filhos, e talvez isso seja dar-me muita importância, acreditar que sou necessário. Penso mais neles do que em mim. Todavia, isso é um pouco abstrato. Talvez eu fosse um covarde se a morte chegasse daqui a 10 minutos. Espero que não, mas é demasiado fácil dizê-lo.

A morte o que é?

Um momento da vida, mas não o mais importante. Menos importante do que um casamento significativo, menos importante do que ter filhos ou apaixonarmo-nos. É um momento. É preciso que a morte não seja demasiado prepotente, é preciso pô-la no seu lugar.